

Dossiê – Metodologias de Pesquisa em Psicanálise: Caminhos, Paradoxos e Impasses.

A Psicanálise é o seu método: a impossibilidade da dissociação entre a pesquisa e a clínica na operação de uma mudança de posição subjetiva

Marina Mendes Fiorenza¹

Rita Manso de Barros²

Resumo

O objeto do presente artigo é a articulação entre método, pesquisa e clínica em Psicanálise. Nosso objetivo é examinar como Freud chegou ao método psicanalítico por excelência, a associação livre, demonstrando como é impossível desarticular a pesquisa da clínica no campo psicanalítico. A metodologia consistiu na análise dos conceitos elaborados, principalmente, por Freud e Lacan, articulando-os ao método psicanalítico. Em um segundo momento, investigamos por que o cogito cartesiano cria a possibilidade da Psicanálise, possibilitando o despojamento do sujeito de suas qualidades, mostrando como a Psicanálise é uma ciência. Discutimos, ainda, a posição do analista-pesquisador, que não é estritamente equivalente àquela do analista, mas não se faz sem um atravessamento do seu discurso, de maneira que o analista trabalha “como uma besta” (Freud, 1900-1901/1996, p. 554), independentemente do espaço no qual esteja inserido, inclusive na universidade. Concluímos apontando que o estatuto científico da Psicanálise se sustenta, precisamente, em seu método, que indissocia clínica e pesquisa e torna possível a mudança de posição subjetiva do analisante.

Palavras-chave: Método. Associação livre. Ciência. Universidade.

Nós não seguimos Freud, o acompanhamos. Que uma noção figure em algum lugar na obra de Freud, nem por isso nos assegura de que a manejamos no espírito da pesquisa freudiana. De nossa parte, é ao espírito, à palavra de ordem, ao estilo dessa pesquisa que tentamos obedecer (Lacan, 1953-1954/1986, p. 142).

¹ Psicanalista. Membro do Laço Analítico/Escola de Psicanálise. Doutora (2024) e mestra (2016) pelo Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) (Rio de Janeiro, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0005-9718>. E-mail: marinamfiorenza@gmail.com.

² Psicanalista. Professora Titular do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Unirio) (Rio de Janeiro, Brasil). Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise (ME/DO) e do Mestrado Profissional em Psicanálise e Políticas Públicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pós-doutorado no Laboratório de Psicanálise, Sociedade e Política do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-7603-8062>. E-mail: ritamanso2008@gmail.com.

Introdução

Mesmo que a confluência entre a clínica e a pesquisa seja bastante conhecida dos psicanalistas, faz-se necessário, ainda, reafirmar a importância dessa máxima, visto que o saber do psicanalista apenas ocupa o lugar da verdade quando o trabalho decorrente do discurso analítico opera, de maneira que é preciso mostrar os passos do percurso realizado, e não apenas apresentá-lo em seu resultado já finalizado. Tal ponto tem relação com a estrutura de uma análise, na qual o analisante se aproxima do seu desejo, na medida em que realiza, no sentido de tornar real e verificável, o seu percurso.

O problema aqui tratado surge da necessidade, sempre reiterada, de sustentar o método psicanalítico em seu estatuto científico, eficaz e passível de se presentificar em espaços clínicos e de pesquisa.

Tal exigência se faz ainda mais premente devido à bem-vinda chegada aos ouvidos dos psicanalistas de situações anteriormente inauditas, sejam as questões de gênero, raciais, sejam as de classe, de maneira que muitos deles, posto que não-todos, tomam em trabalho seriamente a afirmação lacaniana de que os psicanalistas têm de “alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (1953/1998, p. 322).

Portanto, é importante reafirmar em ato tanto a cientificidade da psicanálise, pois ampliar os campos de escuta não coincide com o recuo do seu rigor, quanto a sua estrutura e os seus pilares, que são os mesmos e estão presentes em qualquer espaço onde o tratamento se dê. Estes constituem os objetivos do presente artigo, cujo percurso inclui: a retomada da construção freudiana do método da associação livre; a discussão da maneira como o cogito cartesiano cria a possibilidade da Psicanálise e o exame da posição do analista-pesquisador, inclusive quando este encontra-se inserido na universidade.

Freud entre o método, a transferência e a resistência

Freud demonstrou em seu percurso como não há, na Psicanálise, uma separação entre a clínica e a pesquisa, e desdobramos essa afirmação no que ela nos auxilia a tratar do método psicanalítico, pois não há clínica do sujeito que não compreenda uma pesquisa do inconsciente.

Em sua obra, o pai da Psicanálise realizou um percurso que incluiu tanto sua clínica quanto a produção teórica acerca dela, desbravando um terreno desconhecido, tendo, até determinado momento, a pretensão de que a Psicanálise pudesse ser contemplada pela ciência para que fosse uma técnica mais aceita no campo e para que sobrevivesse além de sua pessoa. Conseguiu, pois a Psicanálise tornou-se cada vez mais viva, mostrando seus efeitos em inúmeros espaços para além do *setting* mais conhecido, aquele do consultório, apesar de adversidades que insistem em depreciá-la.

Freud recolheu e deu lugar ao sofrimento das histéricas que inauguraram sua clínica, o que era desconsiderado até então, como se os fenômenos apresentados por elas constituíssem uma simulação ou mesmo teatralidade; deu-lhes a palavra e verificou como a fala tinha efeitos reais na solução dos sintomas. Ele tomou como material de tratamento justamente o que era descartado pelo meio científico e médico, que é a posição subjetiva do sujeito que sofre, e

ainda elevou tais conteúdos rechaçados e desvalorizados à categoria do que fornece o acesso ao inconsciente.

Foi trabalhando “como uma besta” (Freud, 1900-1901/1996, p. 554), não em um sentido pejorativo, mas como um modo dessubjetivado e obstinado de trabalho, que Freud se deparou com a transferência e a resistência. No início, até mesmo se aborreceu, interrogando o motivo de suas pacientes não apenas lhe falarem livremente, em vez de pensar em supostos julgamentos que ele teria acerca delas. A elaboração dessa questão fundamental veio com a própria práxis clínica, como tratamos a seguir.

O tratamento do sujeito se dá concomitantemente à pesquisa do inconsciente, não havendo outro modo de acesso a ele que não o trabalho da análise, o qual advém por meio da palavra direcionada a um analista. Isso implica, inexoravelmente, a transferência, de maneira que a prática do psicanalista é uma prática de pesquisa, mesmo que este não se dedique a escrever sobre a teoria ou sobre os casos atendidos. Diferentemente de Charcot, que tinha o interesse em saber e não em tratar, Freud não recuou, nem do tratamento, nem da transferência, sendo ambos indissociáveis, pois a última decorre do dispositivo analítico, não sendo um fenômeno que, rigorosamente, ocorra fora deste.

Mesmo que pesquisa e clínica confluem, em Psicanálise, não se trata de uma pesquisa qualquer, pois, ao tratar de um sujeito, não se busca a confirmação de hipóteses formuladas *a priori* que não tenham relação com a palavra do analisante. A posição do psicanalista, que só comparece por meio do desejo do analista, aquele decantado pelo percurso da sua própria análise, não ambiciona a cura.

Tal posição desprovida da ambição terapêutica, aquela que inclui a vontade de curar o sujeito que busca tratar, não tem relação com uma “má vontade em ajudar” – pois esta incluiria uma posição ativa de um “não-querer”, o que recairia no oposto da mesma coisa –, mas coaduna com uma posição que adentra, inclusive, o terreno da ética, na medida em que a ambição de cura, justamente por almejar uma satisfação narcísica daquele que clínica, não opera efeitos na mudança de posição subjetiva daquele que solicita a escuta.

O método psicanalítico foi inventado por Freud na lida diária de sua clínica e, como qualquer invenção, passou por reformulações, relatadas com precisão no texto *Lembrar, repetir e perlaborar* (1914/2017). O texto destrincha o percurso da técnica psicanalítica, que começa com a catarse proposta por Breuer, em que “o foco se dava sobre o momento de formação dos sintomas (p. 151), vinculada à hipnose, quando se inferia, com o paciente, aquilo que ele não conseguia recordar sozinho e buscava-se contornar as resistências mediante “interpretação e da comunicação de seus resultados ao paciente” (p. 151). Porém, por mais que a hipnose funcionasse para dar acesso a alguns conteúdos importantes, não tinha eficácia na manutenção da remissão dos sintomas, os quais não tardavam a retornar.

Freud (1905/2017) contrapõe a Psicanálise à sugestão, realizada após o retorno do sono hipnótico:

Entre a técnica sugestiva e a analítica há o maior contraste, aquele contraste que o grande Leonardo da Vinci condensou para as artes nas fórmulas *per via di porre* e *per via di levare*. A pintura, diz Da Vinci, trabalha *per via di porre*; é que ela coloca montinhos de tinta onde eles antes não existiam, na tela sem cores; a escultura, por sua vez,

procede *per via di levare*, já que retira da pedra o necessário para revelar a superfície da estátua nela contida (p. 66).

Os tratamentos conduzidos mostram como o ato do paciente, de recordar ou de esquecer determinado conteúdo, comporta uma posição subjetiva singular, a exemplo das falas que Freud (1914/2017) ouvia: “na verdade, eu sempre soube disso, mas não pensava nisso” (p. 153). Ao investigar a causa de tais acontecimentos, Freud desenvolve os conceitos de repetição e elaboração, que terão relação com a transferência e a resistência. Verifica-se que, na relação transferencial, o analisante atua sua lembrança na situação analítica, sendo essa uma maneira de recordar. Inclusive, a repetição pode advir sob a forma de resistência, dando à neurose “uma potência atual” (p. 156), de modo que a noção, disseminada no senso comum, de que a Psicanálise “trata do passado e não do presente”, afirmação que vem sempre acompanhada de um tom pejorativo, não se sustenta, pois as questões do paciente são, e não há outro modo de isso acontecer, atuadas na transferência. A Psicanálise trata dos demônios presentes e é deles que alimenta sua potência de cura.

Desse modo, o método psicanalítico só pode operar caso haja boa vontade com a resistência e o analista suporte ocupar o lugar de polo da transferência. A hipnose, primeiro método que Freud utilizou, não serve, na medida em que tenta burlar a resistência, e não a atravessar, tomando-a como parceira, pois é no ponto em que o paciente resiste que se pode ter notícias do material recalçado.

O abandono da técnica da hipnose, sendo essa uma forma supostamente mais “fácil” de se chegar ao conteúdo recalçado, não se dá por um “apreço à dificuldade”, mas pela veia rigorosa de Freud, que verifica que não há caminhos a serem reduzidos e nem atalhos, mas os fios que teceram o sofrimento precisam ser percorridos um a um, e a posição do sujeito diante deles conta e não pode ser dispensada. Ou seja, como método de cura, a sugestão, irmã da hipnose, simplesmente não funciona.

A análise comporta um “desmembramento, decomposição e remete a uma analogia com o trabalho do químico com as substâncias que ele encontra na natureza” (Freud, 1918/2017, p. 192). Porém, há, entre o trabalho do químico e o do psicanalista, uma diferença, visto que “na vida anímica, lidamos com aspirações, que estão sujeitas a uma compulsão [Zwang], por unificação e reunião. Se conseguirmos dissecar um sintoma, liberar uma moção pulsional de um determinado contexto, ela não ficará isolada, mas logo entrará em um novo contexto” (p. 194). Na Química, isolam-se os elementos e eles mantêm-se isolados. Na Psicanálise, isso não é possível, pois o elemento subjetivo volta a se ligar e sempre usa o trilho da resistência e da transferência para se presentificar. Portanto, mesmo que haja semelhanças entre o método considerado mais tradicional da ciência clássica e o psicanalítico, o advento da repetição e da transferência mostra como não é da mesma técnica que se trata, e a chave dessa diferença se encontra na satisfação inerente à compulsão à repetição que recusa a melhora, na medida em que esta comportaria perdas que nem sempre o sujeito deseja ou suporta.

Nos *Estudos sobre a Histeria* (Freud, 1893-1895/1996), textos contemporâneos ao início de sua clínica, Freud escreveu que a resistência era vinculada ao que seria o núcleo patógeno, o núcleo da neurose. E, posto que a análise se aproxima do referido núcleo,

a resistência vai aumentando; e à medida que se afasta dele, ela diminui, sendo a força inversamente proporcional.

Por isso, o trabalho da análise não pode restringir-se à recordação do primeiro momento traumático ou da cena primária, de maneira que é a resistência que nos dá notícias de que há uma aproximação do conteúdo recalcado, já que não se resiste a um tópico qualquer, mas sim ao que carrega sua importância na economia psíquica do sujeito. É preciso a elaboração do material que se apresenta com a resistência, pois, mais do que uma revelação do conteúdo inconsciente, faz-se necessário um ato que consiste em uma disposição em trabalhar sobre ele.

No sofrimento apresentado pelo analisante, há sempre uma quota de satisfação pulsional. A pulsão, entendida como uma “medida de exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal” (Freud, 1915/2020, p. 25), tem sua fonte no corpo e o submete a uma pressão constante, que não cessa em momento algum, sendo a satisfação plena, estruturalmente, impossível. Há, ainda, “o ‘ganho’ (secundário) proveniente da doença” (Freud, 1926/1996, p. 102), que consiste nas vantagens que o sujeito obtém de sua condição e que dificultam o processo de cura. Compreende-se, assim, por que não basta ao analisante lembrar ou chegar ao momento exato em que determinado sintoma começou, mesmo que se utilize da associação livre para isso. A repetição do sofrimento é a repetição da satisfação que esse mesmo “mal” causa.

A noção de recalque, a pedra angular da Psicanálise, é elaborada a partir da descoberta da resistência, visto que há motivos inconscientes para que alguns conteúdos sejam recalcados e outros não. A resistência é tudo aquilo que interrompe o trabalho da análise, mas, ao mesmo tempo, não há análise sem ela, uma vez que é em seu ponto máximo que se observa o fenômeno da transferência, sem a qual nada acontece que possa ser chamado de psicanalítico.

É a técnica da associação livre que abre para Freud a possibilidade de operar avanços, visto que não se trata apenas de recordar, mas de operar com o recalque e com as forças que o mantêm. Muda-se, assim, a própria concepção do que é a análise, não sendo mais a ab-reação dos afetos represados ou a rememoração de cenas infantis, mas inclui a implicação do sujeito em relação ao recalcado que insiste em retornar no momento atual, movendo a mesma satisfação que é atemporal e constante, porque é pulsional.

Nesse sentido, a insistência do recalcado em retornar só pode ser compreendida à luz da concepção freudiana de pulsão, de forma que a libido do ser falante encontra-se submetida à lógica própria das pulsões, tal como formulada por Freud no texto “As pulsões e seus destinos” (1915/2020), no qual elas são descritas como uma pressão constante, proveniente do corpo, que se orienta na direção de objetos variáveis em busca de satisfação, que será sempre parcial.

Assim, o abandono da hipnose, a consideração da resistência e a descoberta da transferência se dão em um mesmo tempo de elaboração da práxis. A resistência traz notícias do recalque, mas também da transferência, sendo esta uma forma de resistência, já que é apenas quando as questões do sujeito comparecem na relação analítica que elas podem ser tratadas, pois não podem ser enfrentadas “*in effigie*” (Freud, 1912/2017, p. 118).

Quanto mais o sujeito se aproxima de sua verdade, da sua palavra plena, termo ainda utilizado por Lacan no *Seminário, livro 1, os escritos técnicos de Freud (1953-1954/1986)*,

mais a resistência se impõe e as associações do paciente conterão a sua marca, e é nesse momento que a transferência ocorre, como o seguinte fragmento clínico demonstra, quando o analisante nos diz: “tenho dificuldades em dizer minhas coisas, sou muito fechado, e mais especificamente dificuldades em dizer *para você*. Às vezes penso sozinho algumas coisas, mas resisto em falar aqui, porque dizendo para você elas ganham estatuto de verdade”.

Assim, o mesmo motor do que resiste é o que vincula o sujeito ao tratamento, de forma que resistência e transferência estão logicamente articuladas. A partir do momento que a transferência é estabelecida, ela atravessará todas as associações do sujeito que conterão sua marca. O modo do sujeito dizer se transforma, passa a ser uma palavra implicada com as consequências que traz e direcionada àquele analista.

Um ponto que Lacan ressalta no *Seminário, livro 1, os escritos técnicos de Freud (1953-1954/1986)* é a realização da presença do analista e sua relação com a resistência e a transferência. Ele afirma que no momento que o sujeito parece poder dizer algo mais próximo da sua verdade, ele realiza a *presença* do analista, com toda a angústia que isso pode trazer.

Desse modo, não há, em nenhum espaço, um inconsciente “puro” se dizendo, mas, sim, uma palavra contaminada pela resistência, dirigida a essa presença e que terá efeitos no real, e não há outro método de acesso que não este. Ou seja, a própria pesquisa do inconsciente não é realizada sem que haja consequências sobre o sujeito, de maneira que pureza e prática analítica não podem estar mais distanciadas.

Toda essa explicação concerne ao método. É preciso chamar os demônios para que possamos tratá-los. Por isso, os sintomas não devem cessar logo de início na análise, o que desembocaria em um encontro superficial e sem consequências efetivas, de modo que certa “piora durante o tratamento” (Freud, 1914/2017, p. 157) é até mesmo esperada, dado que um ambiente neutralizado e desprovido de afetos das mais variadas ordens e intensidades está muito longe do que se espera de uma análise.

Assim, a descoberta da repetição aparta ainda mais a análise de qualquer técnica que se aproxima de uma repressão, pois o tratamento não se dá sem esses elementos que vimos trazendo. A análise busca fazer uma continência à repetição, no sentido de um acolhimento, mas mantendo-a sob as rédeas da transferência, dando-lhe um espaço para que esta possa se esbaldar, e ainda “substituindo a sua neurose comum por uma neurose de transferência” (Freud, 1914/2017, p. 157), isto é, a análise cria artificialmente uma neurose para que se possa tratar o sujeito.

Com o empreendimento de todo o percurso sobre o qual discorremos anteriormente, chega-se ao método psicanalítico por excelência: a associação livre, a qual propõe que o sujeito esteja presente, acordado, fora do sono hipnótico para ouvir o que diz dirigido transferencialmente ao analista, já que houve o recalque justamente porque ele não pôde suportar o sinal da angústia que aquele conteúdo traumático lhe causou. Com a associação livre, a interpretação ganha lugar, de modo que o foco da análise passa à palavra e ao que o sujeito reconstrói a partir do que viveu, e não a imagens de cenas recordadas, o que terá relação com as contribuições lacanianas acerca do sujeito da ciência, que é o mesmo da Psicanálise, como tratamos a seguir.

Por que o cogito cartesiano cria a possibilidade da Psicanálise?

Lacan, freudiano fiel, nunca desconsiderou a importância da ciência e, por isso, empreendeu importantes contribuições relacionadas ao rigor do método psicanalítico. No texto *A ciência e a verdade* (1966/1998), ele mostra como a invenção da Psicanálise apenas foi possível em decorrência do discurso da ciência, porém recolhendo o que esta foracluiu. A Psicanálise “coloca para a ciência uma questão, precisamente a de ter reintroduzido o sujeito na cena discursiva em que a ciência, ao fundar-se, o situou e da qual, no mesmo golpe, o excluiu” (Elia, 2000, p. 20).

Lacan retoma o termo *Spaltung* tratado por Freud no texto *A cisão do eu no processo de defesa* (1938/2007), em que o psicanalista amplia a divisão para além da psicose, em que esta se dá entre o eu e a realidade. Nesse texto tardio, Freud pontua que a resposta do eu à sua clivagem não é apenas o processo de síntese, mas comporta destinos que mantêm a cisão, jamais tamponando-a (1938/2007, p. 173).

Lacan refere que a Psicanálise recolhe a *Spaltung* e realiza um trabalho sobre essa mesma fenda, agora incluída. Portanto, Freud toma em trabalho a divisão que a ciência inaugura, mas com uma diferença importante: a ciência recusa esse sujeito que cria, pois o que conta para ela é o objeto, a razão, descartando a subjetividade; e a Psicanálise recolhe tal fenda e atua a partir dela, e “é por essa marca que ela preserva o seu crédito” (Lacan, 1966/1998, p. 871). Assim, Lacan chega à conclusão de que “o sujeito sobre quem operamos em Psicanálise só pode ser o sujeito da ciência” (p. 873).

Tal associação entre o sujeito da ciência e o sujeito da Psicanálise é decorrente do cogito cartesiano: “penso, logo sou”, que associa o ser exclusivamente ao pensar. O cogito constitui a condição de existência da Psicanálise, pois introduz a possibilidade de um pensamento não humanista em uma práxis. Não se trata de “lacanizar” Descartes, mas de mostrar como há, entre a ciência moderna e a Psicanálise, um parentesco discursivo, como mostra Milner (1996),

A argumentação é a seguinte: a física matematizada elimina todas as qualidades dos existentes; uma teoria do sujeito que pretenda responder a tal física deverá, ela também, despojar o sujeito de toda qualidade. Este sujeito, constituído segundo a determinação característica da ciência, é o sujeito da ciência. Não lhe convirão as marcas qualitativas da individualidade empírica, seja ela psíquica ou somática; tampouco lhe convirão as propriedades qualitativas de uma alma: ele não é mortal nem imortal, puro nem impuro, justo nem injusto, pecador nem santo, condenado nem salvo; não lhe convirão nem mesmo as propriedades formais que durante muito tempo havíamos imaginado constitutivas da subjetividade como tal: ele não tem nem Si, nem reflexividade, nem consciência (p. 33).

Sendo assim, é impossível “que a Psicanálise como prática, que o inconsciente, o de Freud, como descoberta, houvesse tido lugar antes do nascimento da ciência” (Lacan, 1966/1998, p. 871). O sujeito sobre o qual operamos, advindo da *Spaltung*, não é o indivíduo, no que este seria indivisível; ele não é acometido de nada de “humano”, visto ser “estritamente reduzido à fórmula de uma matriz de combinações significantes” (p. 874). Um sujeito é representado por um significante para outro significante; ou seja, trata-se, portanto, de

um advento decorrente da linguagem, ainda que algo dela lhe escape. Portanto, há uma correlação entre ser e linguagem, um não existe sem o outro, e o sujeito “deve ser severamente distinguido tanto do indivíduo biológico quanto de qualquer evolução psicológica classificável como objeto da compreensão” (p. 890).

Com a invenção do cogito, Descartes pôde despojar o sujeito de todas as qualidades, já que o que diz respeito ao ser é estritamente o pensar, associado às leis da linguagem, e não às suas qualidades, “sejam sensoriais, perceptuais, anímicas, morais, enfim, numa palavra, *empíricas*” (Elia, 2000, p. 21). O corte que a ciência moderna promoveu desapossou o objeto de suas qualidades sensíveis, e tal qual o sujeito da ciência, “o sujeito do inconsciente não é, em si mesmo, pobre ou rico, branco ou negro, tampouco — e aí se situa talvez o ponto mais escandaloso da descoberta freudiana — homem ou mulher” (p. 26).

Tomando, na radicalidade, o não-humanismo da Psicanálise, no ponto em que não interessa a “pessoa” que nos fala, mas sua palavra, vemos, com Freud, como a associação livre é o método que permite que o sujeito sem qualidades advenha. Quando executada, a associação livre faz com que o analisante possa desqualificar o seu próprio pensamento, na medida em que, e dentro do possível, siga a regra fundamental.

Assim, essa desqualificação do pensamento não inclui qualquer depreciação, pelo contrário, é o que permite que o inconsciente se presentifique, já que o sujeito não é consistente, mas esvaziado de sentido, e só comparece representado pelos significantes, em que “o sujeito do significante não tem sentido algum; ele é pura função lógica” (Lacan, 1972/2003, pp. 449–50). Sendo assim, a técnica freudiana apresentada pela associação livre encontra a teoria psicanalítica em vários pontos, o que mostra o impossível de tais pontos serem desarticulados.

Por isso, a Psicanálise está vinculada à ciência desde os seus primórdios, compartilha o mesmo sujeito e constitui uma práxis nova que também impôs um método inaugural, em que ela “encontrará em si mesma os fundamentos de seus princípios e métodos” (Milner, 1996, p. 31). A diferença para com a ciência clássica, que em Freud foi localizada pela incidência da repetição, da transferência e da resistência, em Lacan está na operação com o gozo e na inclusão do que “não cessa de não se escrever” (1972/2003, p. 448) e que “encarna o real” (1971-1972/2012, p. 235), havendo um método próprio para que possa operar, não podendo ser reduzida ou equiparada a outros métodos também científicos.

A Psicanálise é considerada, por Elia (2023), não apenas vinculada à ciência, mas uma ciência em si. Ele sustenta que o campo da ciência é mais amplo que o corpo científico criado com Galileu, sendo o campo maior que o objeto, posto que este é um recorte daquele (Elia, 2023, p. 182). Se apenas o método que estuda os fenômenos naturais pudesse ser considerado científico, seria preciso transformar os fenômenos do sujeito em objetos naturais, que é o que as ciências cerebrais do psiquismo tentam fazer.

Desse modo, não é possível apurar a eficácia do método psicanalítico a partir de um ponto de vista de outro método, o que não retira o seu estatuto de ciência, haja vista que a Psicanálise está submetida ao “caráter galileano de sua estrutura discursiva” (Elia, 2023, p. 62), que é a leitura do real a partir da linguagem, e não da observação ou qualquer outra

qualidade empírica, não havendo duas metodologias separadas para o que seriam a pesquisa e a clínica psicanalítica, mas apenas um método: o psicanalítico, conforme orientou Freud.

Em vista disso, os fenômenos do sujeito só podem ser lidos psicanaliticamente pelo método psicanalítico e apelar, com vias de aceitação do que seriam os outros cientistas ou mesmo a população em geral, para outros métodos para tentar mostrar como a Psicanálise estaria inserida na ciência constitui um perigoso equívoco.

Trata-se do simbólico, como advento da linguagem, apreendendo alguns efeitos do real, entendido, na Psicanálise, como aquilo que encarna o impossível da simbolização, visto que “o real só pode ser apreendido por seus efeitos, jamais diretamente” (Lacan, 1972/2003, p. 499). Tal operação é possível de ser aplicada tanto à Psicanálise quanto à ciência física estrita, e, em nenhuma das duas, a verificação se dá pela via empírica. Ou seja, a referência é lógica e não sensível, é linguageira e não metafísica, é matemática e não baseada na observação.

Considerar a lógica como prevalente em relação à apreensão sensível é extremamente psicanalítico e está no nível do ato, pois o analista utiliza a linguagem como material de trabalho sem se ater aos “dados da realidade” ou mesmo “sensíveis” do analisante. E é justamente tal práxis que pode operar uma mudança de posição subjetiva real e perfeitamente verificável, o que dá provas do estatuto científico da Psicanálise.

A posição do analista-pesquisador na universidade

Mesmo com o amparo de todo o percurso anterior de Freud e Lacan quanto à pesquisa e de sua vinculação intrínseca e necessária com a clínica, o trabalho que se realiza na universidade, movido por uma questão do pesquisador, e não advinda apenas do analisante em seu percurso de análise, comporta algumas diferenças.

Ao pesquisar um tema específico, não se ocupa exatamente a posição de psicanalista, visto que há um ensejo próprio em saber sobre o tema e que, mesmo que este lhe fosse “exterior”, há sempre um desejo do pesquisador implicado no assunto que se escolhe, ou não se investiria tanta libido, como é necessário para levar adiante qualquer pesquisa. Portanto, um pesquisador em Psicanálise não é “neutro” em relação ao seu objeto de pesquisa, mesmo que uma cota importante da incidência do desejo do analista seja necessária para que esta seja empreendida considerando os preceitos da Psicanálise.

Desse modo,

Não será possível, se se pretender inscrever uma pesquisa no campo da Psicanálise, formular a questão a ser investigada como passo inicial do processo, como em uma decisão acadêmica ou de consciência, que poderia assumir a forma: “vou pesquisar tal questão”, escolhida no interior de um leque de possibilidades. A questão de pesquisa precisa decorrer de um trabalho preliminar, este de ordem psicanalítica: seja um tempo de experiência analítica, seja um tempo de elaboração do sujeito que virá a formular sua questão, mas sempre a partir de algum encontro com algum ponto real da experiência, na vida, no trabalho da análise (Elia, 2023, p. 272).

Então, como não se trata estritamente do lugar nem do analista, nem do cientista que se pretenda “neutro”, que pesquisador é esse que, mesmo que o seu saber seja recolhido da

clínica, não está posicionado exatamente como um analista? Quem é o analista-pesquisador? Auxiliando nesse ponto, Elia (2023) cunhou o termo “pesquisante”, que condensa os termos “pesquisador e analisante” (p. 226).

Esse pesquisador peculiar porta um desejo de saber, tal como o analisante. Há, assim, uma dobradiça a ser considerada, pois, mesmo que o pesquisador não ocupe estritamente o lugar de analista na realização de uma pesquisa, não há pesquisa psicanalítica que não requeira a incidência do seu discurso, aquele nomeado por Lacan no *seminário, livro 17, o avesso da Psicanálise* (1969-1970/1992, p. 29), em que o *a* está no lugar do agente, o *§* no lugar do trabalho, e que, a partir deste, são produzidos novos significantes-mestre, estando o saber situado no lugar da verdade.

Há, na operação desse discurso, uma desistência em operar com uma verdade pronta que pudesse ser acessada, pois ela não é a causa, mas um lugar no discurso que sustenta o lugar do agente, embora não coincida com ele. É apenas no discurso analítico que o saber ocupa o lugar da verdade, o que só é possível por meio do trabalho da análise. O saber não é externo à experiência, mas só é acessado a partir dela, ou seja, os efeitos de verdade na análise são decorrentes de um modo específico de trabalho, não sendo possível acessar uma verdade pura e não contaminada pela posição do sujeito, sendo, por isso, “não-toda” (Lacan, 1973/2003, p. 535).

Porém, mesmo que o pesquisador seja um psicanalista e opere desde esse lugar, “é, no entanto, desde a posição de analisante que sua atividade de pesquisa propriamente dita terá lugar e atravessará os momentos de seu desenvolvimento” (Elia, 2000, p. 24). Por isso, o significante “pesquisante” é importante, pois não se está estritamente na posição de analista, mas não é sem algum atravessamento desse discurso que se opera a pesquisa. É como analisante que se busca saber, há uma pergunta que desemboca em uma questão de pesquisa mais do que um direcionamento preliminar da resposta.

Elia (2023) aproxima a posição do pesquisante àquela ocupada no discurso histórico no que diz respeito à produção de saber, mas se diferencia deste no ponto em que não há uma demanda de que o outro trabalhe por ele. É uma posição de trabalho em que se “produz saber, mas não através de um mestre, mas por si mesmo” (p. 226), e não se confunde com o saber produzido na análise em intensão do pesquisador, e muito menos com um saber “universitário”.

Desse modo, caso “regras” universitárias rígidas tomem mais espaço que as “recomendações” freudianas — o pai da psicanálise teve todo um cuidado em mostrar em seus textos que não se tratava de orientações duras e sem relação com cada tratamento, e Lacan também alertou os analistas nesse sentido, quando afirmou que cada analista deve inventar a Psicanálise, colocando algo de seu —, não haverá resquícios de Psicanálise na pesquisa, mas apenas elucubrações intelectuais, que mais obliteram o saber do inconsciente do que o possibilitam.

Coisa estranha aos psicanalistas que não consideram, moebianamente, que o Outro, como campo transindividual, interfere na produção de fatores inconscientes poderosos. Vivemos em um mundo capitalista neoliberal, cujo empuxo à pressa e aceleração temporal é criminoso, sim, roubando, impedindo, sequestrando o tempo de compreender e impondo a precipitação do momento de concluir. Quando o empuxo à produção desenfreada e

com ambições de triunfo entra por uma porta, a Psicanálise sai pela outra, sendo ambos discursivamente incompatíveis.

Assim, por mais que uma pesquisa psicanalítica possa se dar no âmbito acadêmico, é preciso sustentar certa tensão, já que não é o saber (S₂) que a agencia, o que se daria em um discurso universitário, nomeado desse modo por Lacan no *Seminário 17, o avesso da Psicanálise* (1969-1970/1992, p. 29). Este não produz novos saberes, e sim sujeito dividido (\$), não havendo nele, portanto, a produção de novos significantes-mestre, o que seria possível apenas no enlaçamento do discurso do analista.

Uma pergunta move a pesquisa, e é como sujeito dividido que se põe a trabalhar, dela decorrendo um produto que possa ser transmissível, em alguma medida, aos pares. A universidade tem importância, uma vez que constitui um campo possível e potente de sistematização de um saber que adveio exponencialmente da práxis, mas que o pesquisador se esforça para transmitir o que se propôs a pesquisar e que os pares dirão em que medida esse empreendimento se sustentou ou não.

Uma pesquisa psicanalítica comporta uma questão considerada *êxtima*, como aquilo que conjuga “o íntimo com a exterioridade radical” (Lacan, 1968-1969/2008, p. 241), pois, ao mesmo tempo que o tema da pesquisa move o pesquisador num ponto de sujeito, ou seja, há um desejo de saber, este pode encontrá-lo em outros espaços, a exemplo da sua clínica ou outro campo de atuação. Desse modo, a práxis psicanalítica, seja ela em intensão, seja em extensão, deve se dar antes de uma questão formulada de pesquisa.

Por isso, não há hipóteses prévias a serem refutadas ou comprovadas, já que o ato de fazer hipóteses contradiria a própria pesquisa psicanalítica, pois deve-se ser estritamente fiel ao que é encontrado, e não ao que se procura. Caso contrário, estar-se-ia no campo religioso que tenta, obstinadamente, provar o que acredita, promovendo uma cegueira, não a histórica que contém um saber, mas aquela nociva e anticientífica.

Mesmo não havendo hipóteses prévias, pode haver alguma aposta que emerge de algumas questões do pesquisador em relação ao que encontra em sua práxis, seja ela em intensão, seja em extensão, que o faz, assim, colocar-se em trabalho diante dela, afetado pela imposição de suas inquietações, dando um bom destino a elas.

Desse modo, a pesquisa anseia por alguma verdade, porém advertida de que esta é não-toda (Lacan, 1973/2003, p. 535) e encontra-se sob o limite da barra que a separa do lugar do agente, conforme mostra o discurso do psicanalista (Lacan, 1969-1970/1992, p. 29). O saber, ao ocupar o lugar da verdade, comporta consequências que têm relação com a mudança de posição discursiva do ser falante, diferentemente daquele exclusivamente submetido ao discurso universitário, que, segundo a leitura lacaniana, não gera consequências reais e efetivas.

Portanto, a pesquisa não é estritamente “de campo” ou “teórica”, visto que ao saber inconsciente só se tem acesso por meio do campo que é a clínica e que, no só-depois, pode-se transmutar em saberes transmissíveis.

O uso de fragmentos clínicos que, inesperadamente, encontram o pesquisador em sua práxis e que ele julga serem importantes para demonstrar o que vem pesquisando não significam a “verdade” do que os sujeitos disseram, mas são recortes nos quais ele lê certa relação com o tema da pesquisa, estando ele advertido de que “o que vocês o ensinam a ler

(o analisante), não tem, então, absolutamente, nada a ver, em caso algum, com o que vocês possam escrever a respeito” (Lacan, 1972-1973/2008, p. 43).

A pesquisa em Psicanálise não tem a pretensão de dizer a verdade sobre o real. Primeiramente, porque o real não se escreve, e mesmo a verdade à qual se chega é não-toda, visto que “o referente é sempre real, porque é impossível de designar” (Lacan, 1971/2009, p. 43) e o inapreensível se mantém. O método psicanalítico aborda justamente o conteúdo ao qual não se chega, senão pelas laterais, e sem a ilusão de um saber completo.

Lacan (1971/2009) traz uma passagem importante que se associa ao limite que o saber impõe e o cuidado que se deve ter na direção de não exceder o ponto para onde a pesquisa levou, quando cita um livro de Mêncio que diz: “o que não encontrardes do lado yen — esse é o discurso —, não o procureis do lado de vosso espírito” (p. 35). E segue: “e, se não o encontrardes do lado de vosso espírito, não o procureis do lado de vosso tchi, isto é, de vossa sensibilidade” (p. 35). Ou seja: “se vocês não o tiverem encontrado no nível da fala, não há esperança, não tentem procurar noutro lugar, no nível dos sentimentos” (p. 35).

Seguir essa orientação lacaniana tem toda relevância, tanto na clínica quanto na pesquisa, o que mostra como tais campos são indissociáveis. A direção do tratamento tem relação com a recomendação de não “ouvir além” do que foi efetivamente dito pelo analisante. O mesmo funciona para a pesquisa psicanalítica, que segue o preceito de não atribuir demasiadamente um sentido ao que foi lido, o que teria mais relação com a compreensão, da qual já se alertou de seus efeitos contrários à Psicanálise. Ater-se à simplicidade de cravar os pés na letra lacaniana não é fácil, ainda mais em seus textos mais avançados, em que o psicanalista adentra o campo da lógica, mas é o único caminho, no qual só é possível avançar trabalhando “como uma besta” (Freud, 1900-1901/1996, p. 554), dando à recomendação freudiana realizada em 1900 o estatuto de um axioma que rege o analista.

Considerações finais

Conclui-se, portanto, que o método psicanalítico é, por estrutura, um só, o que torna impossível qualquer dissociação entre a pesquisa e a clínica. Ambas se orientam pela indicação freudiana de que, “no tratamento, deve-se manter a falta” (Freud, 1918/2017, p. 198), o que impede a completude da Psicanálise e se sustentam nas balizas cravadas pelos conceitos fundamentais, nomeados por Lacan como inconsciente, repetição, transferência e pulsão (1964/2008). Os saberes que emergem desse percurso são sempre contingentes, uma vez que a Psicanálise não decorre de especulações, mas da experiência psicanalítica. Assim, a posição do psicanalista-pesquisador não se separa da incidência da posição do analisante, que não se extingue nem mesmo com o término da análise: ela persiste como operação permanente, pois é sempre desde esse lugar que se pesquisa, como procuramos demonstrar ao longo deste artigo.

Referências

Elia, L. (2000). Psicanálise: clínica & pesquisa. In Alberti, S. & Elia, L. (Orgs.), *Clínica e pesquisa em Psicanálise*. (pp. 20-26). Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.

- Elia, L. (2023). *A ciência da Psicanálise: metodologia e princípios*. São Paulo: Edições 70.
- Freud, S. (1996). Estudos sobre a histeria. In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 2, pp. 39-318). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 39).
- Freud, S. (1996). A interpretação de sonhos. In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 5, pp. 554). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1900-1901).
- Freud, S. (2017). Sobre psicoterapia. In Freud, S. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. (Coleção Obras incompletas de Sigmund Freud, Vol. 6, p. 66). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1905).
- Freud, S. (2017). A dinâmica da transferência. In Freud, S. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. (Coleção Obras incompletas de Sigmund Freud, Vol. 6, pp. 118). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1912).
- Freud, S. (2017). Lembrar, repetir e perlaborar. In Freud, S. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. (Coleção Obras incompletas de Sigmund Freud, Vol. 6, pp. 151-157). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1914).
- Freud, S. (2020). As pulsões e seus destinos. In Freud, S. *As pulsões e seus destinos* (Coleção Obras incompletas de Sigmund Freud, Edição bilíngue, pp. 25). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1915).
- Freud, S. (2017). Caminhos da terapia psicanalítica. In Freud, S. *Fundamentos da clínica psicanalítica* (Coleção Obras incompletas de Sigmund Freud, pp. 192-198). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1918).
- Freud, S. (1996). Inibições, sintomas e ansiedade. In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 20, pp. 102). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1926).
- Freud, S. (2007). A cisão do eu no processo de defesa. In Freud, S. *Escritos sobre a Psicologia do inconsciente*. (Vol. 3, pp. 173). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1938).
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise. In Lacan, J. *Escritos*. (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1953).
- Lacan, J. (1986). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1953-1954).
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1964).
- Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. In Lacan, J. *Escritos*. (pp. 871-890). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1966).
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1968-1969).
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1969-1970).
- Lacan, J. (2009). *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1971).

- Lacan, J. (2012). *O seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1971-1972).
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1972-1973).
- Lacan, J. (2003). O aturdito. In Lacan, J. *Outros escritos*. (pp. 448–497). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1972).
- Lacan, J. (2003). Televisão. In Lacan, J. *Outros escritos*. (pp. 508-543). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1973).
- Milner, J.-C. (1996). *A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Psychoanalysis is his method: the impossibility of dissociating research and clinical practice in the operation of a change in subjective position

Abstract

In this article, we initially discuss how Freud arrived at the psychoanalytic method par excellence, free association, and how it is impossible to dissociate research from clinical. In the following section, we try to understand why the Cartesian cogito creates the possibility of psychoanalysis, where it allows the subject to be stripped of his qualities, showing how psychoanalysis is a science. We also talk about the position of the analyst-researcher, which is not strictly equivalent to that of the analyst, but cannot be done without crossing this discourse, highlighting psychoanalytic research in the university.

Keywords: Method. Free association. Science. University.

El Psicoanálisis es su método: la imposibilidad de disociar la investigación y la clínica en la operación de un cambio de posición subjetiva

Resumen

En este artículo nos centramos, en primer lugar, en cómo Freud llegó al método psicoanalítico por excelencia, la asociación libre, mostrando cómo resulta imposible separar la investigación de la clínica. En la subsección siguiente, caminamos en la tentativa de comprender por qué el cogito cartesiano crea la posibilidad del psicoanálisis, ya que permite despojar al sujeto de sus cualidades, mostrando cómo el psicoanálisis es una ciencia. Disertamos también sobre la posición del analista-investigador, que no es estrictamente equivalente a la del analista, pero que no se constituye sin un atravesamiento de este discurso, destacando la investigación psicoanalítica en la universidad.

Palabras clave: Método. Asociación libre. Ciencia. Universidad.

La Psychanalyse est sa méthode: l'impossibilité de dissocier la recherche et la clinique dans l'opération d'un changement de position subjective

Résumé

Dans cet article, nous examinons d'abord comment Freud est parvenu à la méthode psychanalytique par excellence — l'association libre — et comment il est impossible de

Fiorenza, M. M., Barros, R. M.

dissocier la recherche de la clinique. Dans la sous-section suivante, nous tentons de comprendre pourquoi le cogito cartésien crée la possibilité de la psychanalyse, dans la mesure où il permet au sujet de se dépouiller de ses qualités, montrant ainsi que la psychanalyse est une science. Nous discutons également de la position de l'analyste-chercheur, qui n'est pas strictement équivalente à celle de l'analyste, mais qui ne peut exister sans être traversée par ce discours, en mettant en évidence la recherche psychanalytique à l'université.

Mots-clés: Méthode. Association libre. Science. Université.

Recebido em: 31/08/2025

Revisado em: 19/11/2025

Aceito em: 23/11/2025